

## EDITORIAL

### PRESERVAÇÃO DAS MEMÓRIAS: marca da Biblioteconomia

A Biblioteconomia, uma das profissões mais antigas da humanidade, tem como princípio ético preservar a memória documental. Os primeiros bibliotecários levavam essa função tão a sério que as bibliotecas constituíam-se verdadeiros labirintos nos quais somente o bibliotecário mor transitava livremente e conhecia o exato lugar das obras e seus conteúdos. Quem leu/viu “O Nome da Rosa” pode esquecer a cena do bibliotecário comendo as folhas do livro para impedir que outras pessoas acessem o que está ali registrado? Preservação extremada, impedindo a disseminação das informações. Tempos em que o documento - somente ele, ou principalmente ele - tinha valor de prova.

Da preservação, muitas áreas do conhecimento se beneficiam, utilizando as informações. Em entrevista, o cineasta, Jayme Monjardin explicita a importância que as

cartas, trocadas entre Luiz Carlos Prestes e Olga Benário, tiveram para recontar a história de amor em “Olga”. Cartas são gêneses do periódico científico e dos princípios éticos, visto que continham relatos dos últimos acontecimentos comerciais, guardadas pelos *custodes novellarum* e não reveladas aos concorrentes. Descubro, estudando o passado, que são também das patentes, cuja denominação advém da expressão *litteris (cartas) patentes*.

Ah, mas isso pertence à História! E o que seria dela sem documentos preservados, sem informação, sem memória? Como relatar a presença do homem, no tempo e no espaço, sem as provas insofismáveis de sua passagem aqui na terra? A importância estratégica da informação

---

<sup>1</sup> Discurso de boas vindas aos alunos do Curso de Graduação em Biblioteconomia da Universidade Federal da Paraíba, semestre 2004.2.

estendesse a todos os campos, a todas as tarefas humanas e a todos os tipos de empreendimentos como faz ver Saracevic (1991), provocando a produção desse ingrediente básico em proporções geométricas. Razão que leva a outras questões: onde armazenar tanta informação? Como dissemina-las? O que fazer para não esquecer tantas lembranças?

As respostas pressupõem a evolução da Biblioteconomia. Com o passar dos tempos outras funções somam-se a de preservação, não a substituem. Dentre elas a disseminação da informação que se inicia de maneira tímida, diferentemente do que hoje se pratica. Surge objetivando efetivar e ampliar o uso das bibliotecas pública e especializada por meio das listas de livros que podiam/deviam ser lidos. Nas públicas para a manutenção dos sistemas vigentes nas sociedades e nas especializadas para que os técnicos das indústrias renovassem seus conhecimentos e, as empresas - nas quais se localizavam as bibliotecas - pudessem ganhar de suas concorrentes, produzindo mais, melhor, com menor custo. Implícita, a idéia de que informação gera conhecimento. Novos conhecimentos que divulgados mantêm o ciclo, reforçando a preservação, porque só se pode disseminar o que existe e para permanecer existindo há que preservar.

Os grandes volumes de documentos, gerados pela II Guerra, fazem nascer a Ciência da Informação, preocupada com a recuperação da informação, e mais recentemente com os estudos da relação informação e conhecimento. Áreas como a Sociologia do Conhecimento e da Economia do Conhecimento têm preocupação assemelhada, reforçando que informação, contida em documento, verbalizada por quem a mantém na memória, ou em formatos atuais é a fonte do conhecimento. Do presente e do passado; no presente e no futuro.

Porque então alguns gestores extrapolando suas atribuições, ordenam o esquecimento de feitos, enquanto homens e mulheres comuns os mantêm irretocáveis na memória? A ordem para esquecer o passado aparece no cotidiano das mais diversas formas. Às vezes, em tom de súplica, como no discurso do Presidente que não queria ser lembrado como professor. Outras vezes, denominando as lembranças de amarguras com o claro objetivo de depreciar aquele que relembra. Súplica, ordem, ou que outro nome tenha, causam-me espécie. Porque esquecer o passado? É mesmo para apagá-lo? O que há de tão terrível em preservá-lo?

Em tempos idos ouvi que a mente esquece como forma de se manter saudável. Esquece, para dar espaço a algo novo, novas informações. Esquece, porque sem importância. Esquece, porque desagradável; ou guarda em lugares recônditos para, ao menor estímulo, voltar à tona. Quando aprendi essa lição não consigo lembrar, mas não a esqueci. Também não esqueci vários outros ensinamentos, e estes se acumularam tais que me fizeram bibliotecária, professora e cientista da informação.

Como professora continuo compartilhando informações com outros mestres e com os alunos com quem, confesso, aprendo cada dia mais. Somente posso fazê-lo porque as informações se mesclam e se transmutam com as já incorporadas e dessa ação geram novos conhecimentos e novas informações. Igualmente, no ambiente da biblioteca, tradicional, virtual ou digital ocorrem relações, dos usuários com a informação solicitada, recuperada, objetivando atender suas necessidades. Em outras palavras é a transferência da informação o objetivo primordial e maior de qualquer serviço de informação.

Recentemente descobriu-se um filão para desenvolvimento de pesquisas – a desinformação, denominada por Capurro (1991) como a vertente negativa da informação. A desinformação constitui-se em informação errada, informação desatualizada, informação esquecida, informação incompleta, falta de informação. Pois bem, o pontapé deste novo filão foi motivado pela morte de uma pesquisadora por desconhecimento dos efeitos nocivos da inalação de *hexamethonium*, produto químico com o qual trabalhava no laboratório John Hopkins. Ninguém da equipe de estudiosos conhecia o “pequeno detalhe” mesmo trabalhando numa instituição americana que lidera as pesquisas na área médica! O desfalque na equipe obrigou a busca de informação nas bases de dados sem sucesso. O sistema, super atualizado, continha informações de 1966 até nossos dias, e o produto havia sido descoberto, caracterizado e descrito em torno de 1950. Obedeçam! Esqueçam o passado! Apaguem as memórias! Não lembrem!

Se há riscos em termos profissionais, na condição de ser social há uma total despersonalização. Somente sou o que sou porque trago comigo uma herança genética transmitida dos meus antepassados aos meus pais, deles para mim, repassadas aos meus descendentes *ad continuum*. A convivência com eles e os ambientes familiar e social desfrutados formam minha personalidade, determinam minha educação,

moldam meu modo de ser, estabelecem uma memória. Negá-la é negar a própria existência.

Esquecer o passado, porque? Nele há encontros, desencontros, amores, desamores, coisas vividas com prazer, outras nem tanto, ganhos e perdas. Lembranças muito, muito agradáveis... dores e tristezas, também. Se há falhas, erros, omissões quero deles a melhor lição, para jamais cometê-los. Pessoalmente não devo, não posso e não quero esquecer o meu passado, não quero apagar minha memória. Como pesquisadora e cientista da informação, repito: necessito de informações presentes e passadas para constituir meu futuro com mais conhecimento. Desejo me tornar um ser humano melhor e, se meu passado ou uma reavaliação dele me proporcionam isto, abaixo a súplica, a ordem ou a acusação. Como profissional bibliotecária trago comigo a marca da Biblioteconomia: a preservação das memórias! E disto, eu também não abro mão!

Colegas bibliotecários, aqueles que já trilharam parte do caminho, aqueles que estão se iniciando e os que ainda virão, sejam muito bem vindos a esta profissão que abraçam espontaneamente e suponho com amor. Oxalá a reflexão que fizerem e a prática que desenvolverem não privilegie as funções mais novas em detrimento das mais antigas. A nobreza reside em conceder a todas elas nível igualitário. É a convivência de todas as funções que contribuem para estarmos todos aqui. Não podemos prever se o que nos espera no final do arco-íris é um pote de ouro, mas podemos assegurar com absoluta certeza que tudo começa com a preservação. Do que concluo que o passado constrói o presente e ambos, memorizados, formam o pretérito. Assim, conclamo todos vocês a não aceitarem passivamente, ou pacificamente, o imperativo para deletar suas memórias.

**Joana Coeli Ribeiro Garcia**

Doutora em Ciência da Informação pela  
UFRJ/IBICT. Professora do  
Departamento de Biblioteconomia e  
Documentação da UFPB.